

**Civilidade entre traços e letras:
normativas de civilidade nos textos e imagens da coluna Garotas, da revista O
Cruzeiro (1950-1964)**

Daniela Queiroz Campos¹

Resumo: O presente artigo busca tecer considerações sobre a coluna *Garotas*, da revista *O Cruzeiro*, no período compreendido entre 1950 e 1964. Pretende-se, em especial, tecer suas tramas narrativas sob a questão da civilidade e da imagem na coluna estudada. A coluna, assinada pelo ilustrador e figurinista mineiro Alceu de Paula Penna, circulou em uma das revistas brasileiras mais emblemáticas de meados do século XX. Foram 2 páginas que ocuparam a revista semanal de Assis Chateaubriand, por ininterruptos 28 anos, de 1938 até 1964. O presente estudo se propõe analisar como, através de letras e imagens, a coluna *Garotas* viabilizava a circulação de normas e preceitos de civilidade para jovens mulheres consideradas urbanas, modernas e ousadas, no Brasil das décadas de 1950 e 1960.

Palavras-chave: Revista, civilidade, manuais, etiqueta

**Civility between dashes and letters:
norms of civility in the texts and images of the spine of the magazine O Cruzeiro
(1950-1964)**

Abstract: This present work aims to present some considerations about the column *Garotas*, in the magazine *O Cruzeiro*, from 1950 to 1964. It focuses, specially, on developing its narrative threads about some key questions, such as civility and image, contained in the studied column. This column, signed by Alceu de Paula Pena, costume designer and illustrator from Minas Gerais (Brazil), circulated in one of the most emblematic Brazilian magazines of the 20th century. These 2 pages were printed on the weekly magazine of Assis Chateaubriand, for uninterrupted 28 years, from 1938 to 1964. This study proposes to analyze how, through the graphic art of the column *Garotas*, was made possible the circulation of norms and models of civility and manner to young ladies considered urban, modern and bold, during the decades of 1950 e 1960

¹ Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista Capes.

in Brazil.

Key-words: magazine, civility, image, graphic art

ETIQUETA E BOAS MANEIRAS

A etiqueta que o dicionário define como “cerimonial das cortes e da sociedade”, tem evoluído como tudo neste velho e vasto mundo. Hoje em dia o que conta não são as medidas, como nos tempos de Luiz XV, mas habilidade, “savoir vivre”, afinal. Boas maneiras, ontem e hoje, são a chave do sucesso, a etiqueta continua sendo a melhor das estratégias, qualquer que seja o terreno onde pisa. (PENNA, 1957, p.71)

2

Referenciada como a “chave do sucesso”, colocada como a melhor estratégia na coluna *Garotas*, de 27 de novembro, do ano de 1957. A coluna intitulada *Garotas e etiqueta* foi a única ao longo dos 15 anos estudados (1950-1964) a abordar de forma isolada e direta a etiqueta e as boas maneiras. As colunas *Garotas* que circularam entre os anos de 1938 e 1964, somam-se 1385, destas um sem número de colunas abordou as boas maneiras e regras de *savoir vivre*. A permeabilidade de normas de condutas e de boas maneiras em impressos que não Manuais de Civilidade não é, porém, uma característica exclusiva da coluna estudada, e sim uma tendência de época, notada no Brasil, principalmente, a partir de meados do século XX. No Brasil dessa época, houve um maior aparecimento de chamadas regras de civilidade que poderiam ser percebidas nos discursos – textuais e iconográficos – do impresso *O Cruzeiro*. Tal padrão se mostrava diverso dos Manuais de Civilidade, que nesse momento, sofriam de relativa queda nas edições e reedições.

AS GAROTAS DO ALCEU

Seria tarefa difícil escrever sobre a coluna *Garotas* sem antes escrever sobre a revista da qual ela era parte integrante. A revista *O Cruzeiro* fazia parte do “império de papel” criado por Assis Chateaubriand, intitulado de *Diários Associados*. Iniciou sua circulação no ano de 1928 e tornou-se, em meados daquele século, a revista de mais ampla circularidade no país. Suas seções de humor, fotorreportagens, contos ilustrados, páginas dedicadas à mulher transformaram *O Cruzeiro* na grande revista nacional de meados do século XX. O periódico tornou-se “[...] ao longo da década de 40 a maior

revista de toda a América Latina, até viver seu apogeu absoluto no início dos anos 50” (NETTO, 1998, p.91). Na década de 1950, o impresso destacava-se como um dos meios de comunicação mais importantes no âmbito nacional. Considerada uma revista de variedade de grande circulação, fazia-se presente em inúmeros lares da classe média urbana e era direcionada à leitura de toda a família. E não foi somente a revista a única detentora de sucesso e venda, os *Diários Associados* também o eram.

A coluna *Garotas* fora uma das conhecidas colunas de *O Cruzeiro*. As *Garotas* do Alceu estamparam as páginas em formato tabloide do periódico, de 1938 até 1964, foram editadas semanalmente por ininterruptos 28 anos no mesmo magazine. Consistia em uma coluna ilustrada de mocinhas, sobre suas vidas cotidianas, naquele Rio de Janeiro dos meados de século XX. Os textos eram vinculados aos desenhos de Alceu Penna², textos estes assinados por diferentes escritores ao longo dos anos de edição. De início, o texto era assinado pelo próprio Alceu Penna. Alccioly Netto, então secretário de *O Cruzeiro*, também assinou muitas quadrilhas iniciais da coluna sob o pseudônimo de Lyto. Num segundo momento, de 1942 até 1946, as assinaturas foram divididas entre Millôr Fernandes, Alceu e outros colaboradores; Millôr assinou, primeiramente, como apenas Millôr, e em seguida como Vão Gôgo. Edgar Alencar é quem assume a coluna por um maior número de anos, a assinatura de A. Ladino vai de 1946 até 1957. A partir de 1957, os textos passam para mão de uma mulher Lia Castelo Branco, sob o pseudônimo de Maria Luiza.

Todavia, a titularidade das páginas sempre foi de Alceu Penna. Alceu não foi o mentor da criatura, mas foi seu “pai”. No ano de 1938, Alccioly Netto encomendou à Alceu Penna a criação de figuras femininas semelhantes às do *The Saturday Evening Post*, as *Gilbson Grils*. Assim, Alceu Penna deu forma e vida à ideia de Alccioly de criar uma coluna *pin-up*.

A primeira edição da coluna *Garotas* foi planejada e bastante divulgada na rede de comunicação de propriedade de Assis Chateaubriand, assim como o lançamento da revista *O Cruzeiro*. No dia 05 de abril de 1938, as *Garotas* saíram anunciadas nos jornais cariocas e paulistas da rede dos *Diários Associados*. Os anúncios diziam que a nova secção era a expressão da vida moderna no país.

As garotas são a expressão da vida moderna. As garotas endiabradas e irrequietas, serão apresentadas todas as semanas em *O Cruzeiro*, desenhadas por Alceu Penna, o mais malicioso e jovem de nossos artistas. As garotas em duas páginas em cores constituem um dos *hits* de *O Cruzeiro*, a revista que acompanha o ritmo da vida moderna (NETTO, 1998, p.152).

As páginas inauguram a disseminação de novos hábitos de pensamento e vida na educação de mulheres - agora modernas e urbanas. Apesar de a coluna estar inserida em uma revista de variedade voltada para toda a família, um tanto conservadora, podemos perceber uma grande diferença entre as normas difundidas e aceitas pelas *Garotas* e pelas demais colunas voltadas para a mulher de *O Cruzeiro* e os preceitos de outras revistas femininas da época. A construção do discurso tanto textual quanto imagético na coluna é, no mínimo, muito mais permissível. O conjunto de normas contido naquele impresso muitas vezes estava à frente não só de outras colunas e revistas, mas também das atitudes mostradas no cinema e na moda da época.

4

MANUAIS DE CIVILIDADE

Os livros chamados Manuais Civilidade tem uma história bastante significativa. A partir dos séculos XII e XIII começam a ser editados na Europa Tratados de Costumes e Tratados de Cortesias. Para Robert Moses Pechman, é da codificação e da simplificação destas obras que surgem os primeiros Manuais de Civilidade (PECHMAN, 2002, p.83). *A Civilitate morun puerilium* (Civilidade Pueril), de Erasmo de *Rotterdam* (Desiderius Erasmus Roterodamus), data de 1530 e foi editada pela primeira vez na cidade da Basileia. Esse breve tratado didático é considerado por muitos autores como o primeiro Manual de Civilidade. Jaques Revel pontua que Erasmo escreve acerca de um conhecimento amplamente compartilhado na Europa do início do século XVI. O tratado baseia-se não só em uma “vasta literatura clássica, tratados de educação e fisiognomia, que vai de Aristóteles a Cícero, de Plutarco a Quintiliano” (REVEL, 1991, p.171), como também em uma grande produção medieval que visava a regulamentar comportamentos.

Após sua publicação, ainda no século XVI, o pequeno livro tornou-se um *best-seller* para os padrões da época. O sucesso de um tratado que, ao longo de dezenas de páginas reunia uma série de normas a serem utilizadas nas principais circunstâncias da

vida em sociedade, é difícil de ser explicado. Norbert Elias afirma que o tratado respondia a uma necessidade da sociedade do século XVI, necessidade esta que a própria publicação confirmou. Era uma época de reposicionamento social e cultural, e aquela sociedade em transformação necessitava de novos pontos de referência. Os usos das normas de civilidade através do impresso chamado Manual de Civilidade se estenderiam por séculos.

A corte francesa do Antigo Regime foi singular no que tange à significação dada à etiqueta. “A prática da etiqueta consiste, em outras palavras, numa autoapresentação da sociedade de corte” (ELIAS, 2001, p.117). Com Luís XIV ela ganha uma função simbólica bastante importante para a sociedade de corte da época. Todo o cerimonial de Versalhes converge para o fetiche dado para cada ato de etiqueta da corte. O valor transferido ao portar-se fora modificado primeiramente na vida dos palácios, e aos poucos o foi na “vida real” de homens e mulheres. Cada cerimonial, cada gesto, cada passo era submetido à etiqueta. Essa, segundo Elias, correspondia a um grau de importância vital para os cortesãos.

No século XVIII, o conteúdo da palavra civilidade foi “absorvido e ampliado em um novo conceito, na expressão de uma nova forma de autoconsciência, o conceito de *civilization*. Cortesia, civilidade e civilização assinalam três estágios de desenvolvimento social, indicam qual sociedade fala e é interpelada” (ELIAS, 1994, p.112).

O significado, noção e o conceito da palavra civilidade podem ser considerados experiências históricas que foram sendo construídas ao longo de séculos. Roger Chartier defende que observa-se o uso da palavra civilidade em meados do século XVII. Afim de perceber os sentidos e as conotações do termo “é possível confrontar as definições dadas por três dicionários da língua, publicados no período de uns quinze anos: O Richard em 1680, o Furetière em 1690, O Dicionário da Academia em 1694 (CHARTIER, 2004, p.49).

Ao analisar as definições da palavra civilidade, nos 3 dicionários citados, o historiador percebe vários traços em comum que marcam seu conteúdo. Em primeiro lugar, o conceito aparece como sinônimo de honesto e de honestidade. Em segundo

lugar, a civilidade é reconhecida nas ações e na conversação. E, por último, a civilidade é colocada como algo ensinado e aprendido, desde a infância.

Guereña considera homônimos os termos/conceitos civilidade e urbanidade, mesmo ciente de suas variações lingüísticas. Isto porque se referem às “pessoas cultas da cidade”, às “pessoas que têm boas maneiras”, pois a “Civilidade se insere numa série de adjetivos designando as virtudes mundanas visíveis nas cidades/urbes” (GUEREÑA, 2005, p.12 e 13) . Deste modo Guereña escreve que o termo urbanidade é derivante de ‘urbe’ que por sua vez significa cidade. Urbanidade compreende “as boas palavras e os modelos que, em sua relação empregam as pessoas cultas das cidades, as mais cuidadosas, as que têm boas maneiras cujos comportamentos remetem tanto à aparência externa como a seus comportamentos sociais visíveis e evidenciados”(REVEL, 1991, p.203).

A partir da transição lenta e gradual de um sistema de convivência que distingue o pequeno número de um modelo válido para todos, o culto à civilidade se transformaria em uma civilidade depreciada. A função da civilidade, naquele momento, era de distinção social. Jaques Revel aponta que provavelmente a civilidade obteve sua mais ampla divulgação, em forma de manual, durante o final do século XVIII e início do século XX. “É seu próprio sucesso que mais radicalmente abala a posição da civilidade. Como dissemos, ela hesitaria entre duas definições: um modelo válido para todos e um sistema de convivências que distingue o pequeno número” (CHARTIER, 1990. p.165). Deste modo, por revelar-se um código demasiadamente acessível alguns começam a distanciar-se, uma vez que as normativas começam submergir os privilégios das elites.

Os Manuais de Civilidade, que a partir do século XVI começam a ser publicados, ainda no mesmo século invadiriam as práticas escolares. No século XVII, a literatura de civilidade começa a ser editada pela “Biblioteca Azul”, e assim continua durante todos os séculos XVIII e XIX. Com a grande difusão e circulação dos Manuais de Civilidade, inclusive nos meios rurais, no decorrer do século XVIII e na primeira metade do século XIX, os mesmos perdem seu propósito. E, cada vez, mais a palavra civilidade torna-se sinônimo de polidez.

Chegam ao Brasil modelos de práticas sociais, no início do século XIX, através

de publicações francesas e portuguesas. Essas práticas apresentavam-se sob a forma de Manuais de Civilidade. A chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro acaba por gerar uma transformação nos costumes e nas condutas ainda marcadamente coloniais “obrigando a boa sociedade a civilizar-se, aderindo a valores e modos que, a partir da Europa, se disseminaram pelo mundo” (NACIF, 2000, p.34). Segundo Pechman, na tentativa de igualar-se a seus pares europeus, a “boa sociedade” carioca utiliza manuais trazidos da Europa para civilizar-se. Esses impressos passam a ser oferecidos até mesmo por vendedores ambulantes nas ruas cariocas.

Maria do Carmo Texeira Rainho pontua que, no início do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, a dita “boa sociedade” passava por um processo de paulatino polimento e adequação aos refinados costumes, gostos e trajes. Seus modos estavam se adequando aos de seus pares europeus, seus hábitos estavam se europeizando. Todavia, o historiador Jurandir Malerba alerta para as diversas interpretações acerca da adaptação dos costumes portugueses no Brasil, a “europeização” dos hábitos. Segundo o historiador “O que aqui se conceituou de “europeização dos costumes” não deve ser entendido mecanicamente como a absorção dos costumes de um grupo por outro, uma vez admitindo-se, em primeiro lugar, que havia diferença dentro de cada um deles”(MALERBA, 2006, p.187). A expressão seria frágil, pois designaria o empenho dos nativos de imitar os costumes dos estrangeiros – europeus. A Europa não era um continente homogêneo, nem os hábitos “copiados” eram apenas os portugueses, os franceses e os ingleses, por exemplo, também o eram. Logo, o historiador acredita ser mais apropriado falar em um “aburguesamento”.

Os primeiros manuais a chegarem ao Brasil não foram aqui editados. Eram publicações principalmente francesas e portuguesas, trazidas da Europa. Em meados do século XIX, eles começam a ser editados no Brasil. O mais famoso e possivelmente mais antigo seria intitulado de *Código do Bom Tom*, publicado no ano de 1845, de autoria do cônego português identificado como J.I. Roquette. No Brasil, durante o século XIX, os Manuais de Civilidade eram voltados para um público mais restrito, uma elite letrada que buscava europeizar-se. Logo, provavelmente os usos da civilidade também eram restritos. No decorrer do século XX, porém esses manuais, juntamente com seus preceitos, tornaram-se mais populares. A popularização dos manuais se deu, provavelmente, pela ampliação da alfabetização e pelo crescimento da indústria editorial, transformando, assim, a civilidade em um alvo do saber escolar.

Se, no Brasil do século XIX, surgem as primeiras edições de Manuais de Civilidade e etiqueta, é a partir do século XX, com a urbanização das grandes cidades, que eles começam a ser amplamente difundidos. Pode-se perceber um grande número de edições e reedições de manuais, em especial na primeira metade do século XX. Ao realizar uma pesquisa específica sobre Manuais de Civilidade, Maria Teresa Santos Cunha argumenta que, principalmente a partir da segunda metade do século XX, para além dos manuais, outros impressos largamente difundidos funcionavam como suportes materiais de textos e imagens atuando como veículos de propagação de normas e preceitos caracterizadores de regras de civilidade (CUNHA, 2006, p.7).

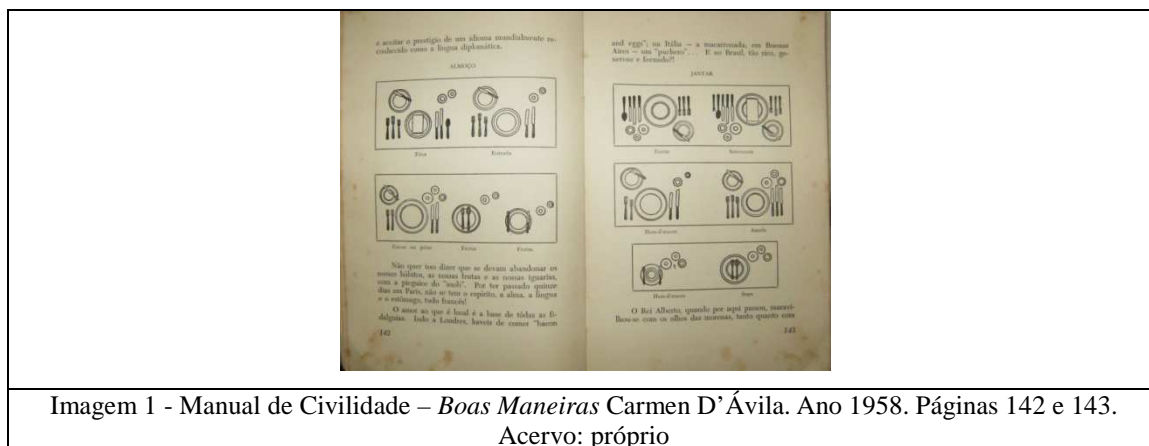
Naquele momento histórico, as normas de civilidade apareceram em diversos impressos que não somente os Manuais de Civilidade, dentre os quais se podem citar os livros escolares-cartilhas, revistas de variedades, revistas femininas, cinema, teatro, música. As normativas de conduta apresentavam-se reverberadas em uma pluralidades de suportes. Apresentavam-se, geralmente, de maneira menos direta, mais sutil. Através do comportamento de uma mocinha dos livros romances, das atitudes das divas do cinema. Nas lições dos livros didáticos, nas letras de músicas. E até mesmo nos gestos das mocinhas traçadas por Alceu Penna. As regras estavam ali.

Essas regras de etiquetas particularmente diluídas dentre romances e historietas que se nomeia de civilidade transversalizada. Nestes diversos suportes as normativas eram menos diretas e sistematizadas. Aqui não poderia-se alocar uma metodologia para esta chamada transversalização pois esta consiste numa espécie de absorção destas normativas por diferente meios mediáticos, seguida por uma posterior difusão das mesma. Esta difusão dava-se, grosso modo, de uma maneira bastante distinta dos manuais de civilidade. Uma vez que estes apresentavam ao leitor normas distribuídas em um simples sumários enumerado e colocadas de forma mais direta. Essa transversalização fora notada não somente na mudança dos suporte como também na forma que a civilidade fora comunicada. De maneira leve eram quase sugeridas, e não impostas, estas regras de bom tom. Antes sistematizada e enumeradas passaram a ser tratada dentre a exemplos de histórias.

A CIVILIDADE INSERIDA NA COLUNA

Nas pesquisas em acervos e arquivos localizei um sem número de Manuais de Civilidade que foram editados em meados do século XX. Uma característica bastante singular dos livretos é a quase ausência de imagens. Eles tinham suas capas ilustradas. No entanto o miolo estava restrito a letras, palavras, frases, parágrafos. Alguns traziam sim poucas, pequenas e esquemáticas ilustrações. Ilustrações que geralmente restringiam-se a demonstrar a colocação de talheres e copos ou de convidados à mesa. É significativamente também a esquematização de cartões de apresentação e de convites.

9



Na imagem número 1 – imagem acima – pode-se observar como usualmente a imagem aparecia nos Manuais de Civilidade das décadas de 1950 e 1960 no Brasil. Geralmente estavam restritas a duas partes do livro de normativas: a mesa e as correspondências. Na seção referente à mesa, era ilustrada a maneira como se deveria compor a mesma. Trazia o local dito correto de se posicionar talheres e pratos dependendo do tipo de comida a ser servida. Quais os talheres e pratos indicados para servir carne, entrada, sopa, fruta, sobremesa. Como deveriam ser posicionados os utensílios em cada situação. Para tal propósito a imagem apresenta-se bem esclarecedora, e penso até mais didática. Provavelmente foi olhando imagens como estas que inúmeras mulheres colocavam a mesa para jantares e afins.

Uma outra situação em que a imagem ensinava as normas de etiqueta era nos convites e cartões. De maneira geral, as imagens estavam também muito presentes no ensinamento da composição de cartões de apresentações e de convites de jantares, casamentos, noivados. Na imagem abaixo – imagem número 2 – pode-se perceber como essas imagens circulavam nas páginas dos Manuais de Civilidade da época. Esta, especificamente, circulou no livro chamado *A Excelência das Boas Maneiras*, de Luiz Waldvogel, 5ª edição, ano de 1967. É uma imagem bastante simples e esquemática, sem

nenhuma ilustração. Traz o desenho de um quadrado que representa um cartão de apresentação com seu devido conteúdo: nome e endereço do remetente. Faz-se importante pontuar que, apesar de pouco rebuscada, esta é uma das imagens, quiça seja a imagem que se apresenta com maior frequência nos Manuais de Civilidade por mim pesquisados. Trata-se de uma questão abordada sempre com abrangência em todos os livros do gênero na época, assim como em revistas e colunas. Na coluna pesquisada, *Garotas*, do mesmo modo, circulou uma imagem consideravelmente próxima a esta.

Na coluna *Garotas participam e agradecem* que circulou na edição da revista *O Cruzeiro* de 28 de dezembro de 1957, pode-se visualizar uma imagem bastante semelhante àquela do Manual de Civilidade acima citada. Trata-se de um retângulo representando um cartão de agradecimento, o da coluna está com a ponta esquerda dobrada. Nele, constam dizeres impressos e manuscritos. Ambos os cartões tem propósitos diferentes. Uma vez que o do livro é um cartão de apresentação e o da coluna, um cartão de agradecimento. Porém, ilustram uma forma bastante recorrente de imagem portadora de normativas de civilidade.

Um dos principais fatores que diferem as normativas de etiqueta que circulavam nos Manuais de Civilidade das que estavam impressas nas páginas da coluna *Garotas* consiste no modo como ela circulava. As letras imperaram nos livretos de bom tom desde a *Civilidade Pueril* de Erasmo, ainda no século XVI. Letras e palavras que permaneceram ensinando boas maneiras nos manuais de meados do século XX e continuam até os tempos de agora. Na longa duração do *savoir vivre*, é perceptível a primazia do texto em detrimento da imagem. Um sem número de impressos circularam pelos séculos que separam os tempos de Erasmo do nosso. Muito provavelmente alguns traziam sim, imagens de maneira mais ampla. Entretanto, nos Manuais de Civilidade que tive contato nos mais de 4 anos de pesquisa da temática fizeram-me convencer de que a palavra imperou no mundo das boas maneiras. Seria ousado e prepotente afirmar que a coluna *Garotas* inovou neste sentido, não acredito nessa premissa. A coluna estudada mostra-nos que a civilidade circulou em muitos outros suportes que não os alhures Manuais de Civilidade. E, talvez mais interessante que perceber que a civilidade tenham circulado em outros impressos, seja o fato de perceber que ela circulou de maneiras distintas neles.



Imagem 3 – *Garotas participam e agradecem* – Revista *O Cruzeiro* de 28 de dezembro de 1958.
Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Na coluna assinada por Alceu Penna, as normas de bom-tom circularam nos textos, mas também circularam nas imagens, nos tracejados de Alceu Penna. Como pode-se perceber na imagem acima – imagem número 3 – transmitia-se muito além do conteúdo textual por aquelas duas páginas. Uma forma de vestir, uma postura. A boneca de Penna segura a canela com extrema delicadeza e elegância. Seus ombros estão eretos e seu pescoço quase imóvel. Com uma roupa sóbria, uma camisa, ao mesmo tempo a jovialidade aparece na estampa floral. Unhas bem cuidadas e pintadas, rosto maquiado. Itens pouco chamativos à primeira vista, mas que marcam o cuidado com a aparência mesmo no âmbito do privado. Isto porque a coluna apresenta um cenário provavelmente doméstico, no quarto ou no escritório da jovem moça.

A imagem, de maneira mais sutil e imperceptível que o texto, traz tantas normas de postura quanto ele. A pedagogia pela imagem não é um fato original, muito menos um fato novo. Muito pelo contrário. Os gregos e os romanos já utilizavam as imagens para o ensinamento da sua mitologia. Jean-Claude Schmitt assinala que o cristianismo, já no medievo, utiliza-se largamente as imagens para a pregação dos ensinamentos, a exemplo de gregos e romanos (SCHMITT, 2007. p.34). A imagem é colocada como ponto de partida em seu livro *O corpo das imagens* para um melhor entendimento da civilização cristã medieval na Europa.

Segundo Schmitt, a palavra pregada difere-se da imagem religiosa, no presente caso. Para o historiador, a própria forma de apresentação de textos e imagens os difere. Uma letra segue outra, uma palavra é colocada à direita da outra. Após um ponto final, a

frase é seguida por sua subsequente. Especialmente a disposição de textos e imagens distanciam a percepção escrita da figurativa. O receptor da imagem encontra-se solto dentro do conteúdo. Ele deve escolher a forma mais coerente de percorrer os traços e as cores. Essa simples disposição das imagens não é neutra nem em classificação de valores, nem em hierarquia, nem em opções ideológicas.

Através de gestos, posturas e trajes, as bonecas desenhadas pelo desenhista ensinavam civilidade, por sua vez, eram apropriadas pela imaginação de homens e mulheres. É interessante pontuar que o imaginário produzido pelas *Garotas* possivelmente não estava apenas restrito ao mundo das boas maneiras, nem mesmo produziu imaginários apenas nas mulheres jovens daquela época. Primeiramente, como foi anteriormente colocado, a coluna não estava restrita à etiqueta. Trazia as normas diluídas em seus textos e imagens. Mas a coluna de humor de Alceu Penna pode ser considerada uma coluna de comportamento. Comportamento também pode ser situado dentro da civilidade, porém não se restringia a mesma. Em seguida, a coluna não era lida apenas por jovens mulheres. Era editada em uma revista de ampla circulação nacional lida por homens e mulheres de várias idades, situações sociais e lugares do país. Mais do que isso, a coluna não se encontrava na seção de assuntos femininos de *O Cruzeiro*. Logo, seu público alvo não eram apenas mulheres, eram homens e mulheres.

Outro fator de curiosa importância consiste na a jovialidade das mocinhas desenhadas. As *Garotas* do Alceu eram jovens. E, apesar de não serem escritas apenas para jovens moças, nem apropriadas apenas por elas, as páginas traziam a vida e o comportamento social esperado das adolescentes da época. Isso abre uma interessante questão: a juventude colocada como ponto intermitente entre a infância e a vida adulta. Ponto em que os padrões sociais de auto controle precisam ser apropriados pelo sujeito, afim de se tornar socialmente aceito. A coluna de Alceu Penna começa a circular justamente quando, no Brasil, – em meados do século XX – começa a emergir uma cultura jovem (ORTIZ, 1980). Quanto maior o grau de controle e transformação dos instintos, maior o período chamado de juventude. E é no período anterior à vida adulta, independente da sociedade, que o indivíduo deve aprender as normas para viver nela como adulto.

Quanto mais intenso e abrangente é o controle dos instintos, quanto mais estável é a formação superegóica exigida pelo desempenho das funções adultas numa

sociedade, maior se torna, inevitavelmente, a distância entre o comportamento das crianças e dos adultos, quanto mais difícil se torna o processo civilizador individual, mais longo é o tempo necessário para preparar as crianças para as funções adultas (ELIAS, 1994, p.33).

Nobert Elias, em *A sociedade dos indivíduos*, sublinha um ponto emblemático da questão: cada ser humano é criado por outros que existiram antes dele, é parte de um todo social, o que não significa dizer que ele seja menos importante do que a própria sociedade. O passado, para Elias, é uma cadeia ininterrupta de pais e filhos, e essa simples afirmação, que aparentemente diz o óbvio, seja a chave para o entendimento da inserção de indivíduos nas denominadas estruturas sociais. Pois “[...] é essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relações as outras, a ela e nada mais, que chamamos de sociedade” (ELIAS, 1993, p.205).

É somente da relação da criança com seres humanos mais velhos e, por isso, mais poderosos que ela, que se desenvolve o autocontrole psíquico através do qual o homem se difere de todos os outros seres vivos. Esse autocontrole nada mais é do que o próprio processo civilizador, um processo civilizador individual. “O equilíbrio resultante entre essas instâncias controladoras e as pulsões [...], determina como a pessoa se orienta em suas relações com outras, em suma, determinar aquilo que chamamos de, segundo o gosto, de hábito, complexos ou estrutura de personalidade” (ELIAS, 1994, p. 189).

No decorrer dos séculos XVI e XVII, com a formação de uma nova aristocracia de monarcas absolutos, o conceito de civilidade se elevou à categoria de comportamento social aceitável. A sistematização dessas normas de portar-se circulariam, a partir do ano 1530, em forma de Manual de Civilidade. Como se pode perceber, é justamente na fase em que a sociedade começa a tecer maior número de tramas de relações sociais que é preciso sistematizar as pulsões a serem controladas – e a primeira sistematização é direcionada para os indivíduos em formação.

GAROTAS E ETIQUETA

A coluna intitulada *Garotas e etiqueta* foi a única, ao longo dos 15 anos

estudados, a abordar, de forma isolada e direta, a etiqueta e as boas maneiras. Nesta coluna que circulou na edição de *O Cruzeiro* de 27 de novembro do ano de 1957, a etiqueta é referenciada como a “chave do sucesso”, colocada, sempre, como a melhor estratégia.



A etiqueta que o dicionário define como “cerimonial das cortes e da sociedade”, tem evoluído como tudo neste velho e vasto mundo. Hoje em dia o que conta não são as medidas, como nos tempos de Luiz XV, mas habilidade, “savoir vivre”, afinal. Boas maneiras, ontem e hoje, são a chave do sucesso, a etiqueta continua sendo a melhor das estratégias, qualquer que seja o terreno onde pisa (PENNNA, MARIA LUIZA, 1957, p.71).

O trecho, retirado da coluna, faz referência à definição de etiqueta trazida pelo dicionário como “cerimonial das cortes e da sociedade”. Ao longo da mesma citação, existe a seguinte frase “Hoje em dia o que conta não são as medidas, como nos tempos de Luís XV, mas habilidade, “savoir vivre”. Em dois momentos do pequeno texto, a etiqueta se liga ao cerimonial de corte, em especial, a corte de Versalhes. E ainda se faz a consideração de que, como tudo, a etiqueta vem se modificando. Ou seja, não é mais aquela do tempo do absolutismo monárquico. A etiqueta transformou-se, assim como o mundo e a sociedade ocidental. A sociedade de corte deu lugar à sociedade profissional-

burguesa.

Elias pontua a “sociedade de corte” como ponto de entendimento de nossa atual sociedade. No que tange ao conceito de civilidade, é impossível não se virar para trás. Olhar para aquela que, como o próprio sociólogo se diz, foi uma das últimas grandes figurações não burguesas. A etiqueta quando lembrada é mais associada à corte, do que ao próprio manual. Talvez porque este tenha apenas sistematizado as normativas daquela e as levado para fora dos portões do palácio.

15

AS NORMATIVAS ENTRE OS MANUAIS E AS COLUNAS

A coluna *O passinho das Garotas* de 27 de janeiro de 1951 – imagem 5 – traz um texto que descreve como pode ser o andar de uma garota, manso, pesado, miúdo, largo. Ao decorrer dos versos, o autor faz deduções da personalidade de moça, a partir de seu andar. Como no primeiro verso, no qual se afirma que pode ser detectável, pelo andar, que uma menina é boazinha. No segundo verso uma interessante questão é colocada. O andar também pode enganar. Ele pode ser estudado. Estudado, ensaiado, pensado. O andar, como uma convenção social, pode ser civilizado. Esse é um bom exemplo, mais uma vez, em que é bastante sutil, mas sempre presente, a temática da civilidade na coluna. Está diluída nesta a normativa do andar. Uma boa moça, boazinha, não pode ter um andar largo, muito menos pesado. Tem que ser leve e miúdo, como uma boa moça, moça de família. Ou seja, um andar que marque sua posição social.

Os desenhos da coluna também colocam o andar e a postura do andar como elemento central. As duas bonecas maiores, uma virada para outra fazem pose delicada, divertida e leve. Ademais, nas 4 personagens menores, é visível esse apego pelo bem andar. Bem trajadas e bem adornadas, com a pose sempre ereta parecem deslizar suavemente pelo papel em que se encontra a coluna.



Imagem 5 – *O passinho das Garotas*. Revista *O Cruzeiro* 27 de janeiro de 1951. Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Na imagem abaixo – imagem número 6 – temos a página de um Manual de Civildade da década de 1960. O manual foi escrito por Maria do Carmo Nickol e intitula-se *Mil regras ilustradas de boas maneiras*. Esse livreto é um interessante manual. É o único Manual de Civildade ilustrado que encontrei, que se diz ilustrado. Data de 1961 e as ilustrações são de Edmundo Rodrigues. É curioso que, no prefácio do livro, não se faz nenhuma menção ao fato de ele propor uma nova forma de ensinar o bom tom, através das imagens. Ele organiza-se de maneira bastante semelhante aos demais manuais de civildade. Em seu sumário, consta organizado os temas abordados e as páginas em que eles se encontram. Os temas são amplos e variados, como nos demais títulos desse gênero.

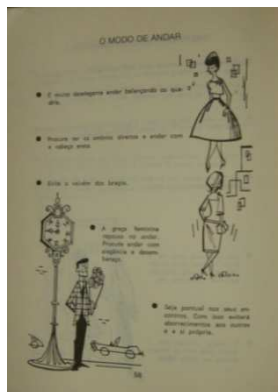


Imagem 6 – *Mil Regras Ilustradas de Boa Maneiras*. O Modo de Andar. Ano 1961. Página 56. Acervo: Próprio.

No item Cortesia e Civilidade, consta o subitem incidentes comuns na rua, regras de cortesia na rua e o modo de andar. Nesses 3 itens, encontram-se, além de ilustrações, textos organizados em forma de pontos, objetivos, simples e diretos. Provavelmente esta obra propunha uma leitura mais dinâmica, rápida e leve. Entre esses 3 subitens, encontram-se 15 ligeiros dizeres sobre a andar. Como por exemplo:

- Andar apressado além de deselegante, pode também causar encontrões, porque há sempre pessoas distraídas que lêem na rua ou olham vitrinas. (...)
- É muito deselegante andar balançando os quadris.
- Procure ter os ombros direitos e andar com a cabeça erreta.
- Evite o vaievém dos braços.
- A graça feminina repousa no andar. Procure andar com elegância e desembaraço.
- Seja pontuais em seus encontros. Com isso evitará aborecimentos aos outros e a si própria (NICKOL: 1961, p.54-56).

Esse texto coloca premissas muito próximas das trazidas pela coluna *Garotas O passinho das Garotas*. Coloca a atenção que deve ser dada ao andar, em especial, da mulher, uma vez que, segundo o livreto, a graça da moça está na elegância que dá a seus passos. As imagens do manual, assim como as da revista, trazem mulheres muito bem trajadas e, portanto, bastantes adornos – fator que marca a classe social elevada da mulher representada. As bonecas do livro, mesmo impressas em preto e branco e traçadas com um número menor de detalhes, têm marcas sempre presentes nas *Garotas*: excelente postura, gestos delicados e leves.

O HUMOR E OS DESVIOS NA ETIQUETA

Se, em diversos fatores, a coluna *Garotas* trazia normativas bem similares às dos Manuais de Civilidade. Em outros fatores a premissa era quebrada. A ousadia das meninas traçadas por Alceu é sublinhada em pontos que escapam um pouco da etiqueta imposta pelo gênero de livros como o referido acima. As normas vigentes nas páginas da coluna de humor são, algumas vezes, mais brandas para as mulheres bonitas e jovens. Pois o humor está contido na coluna justamente neste ponto. Na desobediência, em alguns aspectos bem específico, das personagens de Alceu Penna. Essa desobediência mostra-se presente em vários momentos vividos pelas *Garotas*.

18

GAROTA VEM JÁ JÁ...

Pois sim! Vão esperando sentados, rapazes incautos, de muito topete e pouco senso. Uma garotas quando diz que vem já já é porque começou a vestir-se. E quando ela começa a vestir-se o mundo para e espera...

- Quando uma garotas diz que vem já já, demora no mínimo hora e meia. Mas quando ela acentua, com muito chiste, aliás, que vem já já, ai é diferente. Ela demora apenas uma hora e vinte e cinco minutos...
 - Já já para a garota não é advérbio de tempo como vice-presidente. É ordem de espera para o golpe da espera.
 - Uma garota “bem” garota não chega nunca em cima da hora ou atrasada dez minutos. Atrasa mesmo uma hora e dez...
 - Relógio para a garota é enfeite e nada mais.
 - Aquela garota pontualíssima foi ao médico. Neurótica avançada.
 - Relógio trabalha para homem. Para garota para.
 - O senhor me permite dormir uma soneca nessa poltrona? A minha garota acaba de avisar-me que vem já já...
 - As garotas procura, saber o horário da penúltima sessão do cinema para ver se chegam na hora extra do início da última. E, às vezes chegam.... quando vem de carro...
 - Um relógio adiantado meia hora diminui dez minutos o atraso de uma garota pontual.
 - Engraçado! Este relógio parece o Roberto. Quanto menos trabalha mais gosto dele!
 - As garotas quando começam a vestir-se são iguaiszinhas aos prédios em construção. O que demora é o acabamento. Os retoques finais são de morte!...
- (PENNA, A.LADINHO, 1956, p. 70 e 71).



Imagem 7 – *A Garota vem já já...* – Revista *O Cruzeiro* 14 de janeiro de 1956. P.70 e 71. Acervo: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

A coluna colocada aborda a questão da pontualidade. Intitulada *Garota vem já já...*, de 14 de janeiro de 1956 – imagem número 7 – traz imagens e texto em prosa discutindo sobre o tempo de demora para uma *Garota* se arrumar para sair. No texto a introdução explica a temática da coluna. Uma moça fala ao rapaz que vem já já, o que significa que vai demorar bastante. Pois provavelmente é, naquele momento, que ela vai começar a se vestir, o que pela coluna é algo bastante demorado. Ao longo dos versos, frisa-se a questão central da coluna: o tempo de demora de uma garota se aprontar para sair. Tempo esse que segundo os versos de A. Ladino tem sua variante aproximada da uma hora e meia.

As ilustrações da coluna *Garotas vem já já...* representam as mocinhas se arrumando. Ao todo, são traçadas 6 mulheres. Cada uma apresentando um estágio de preparo no vestir-se. Duas estão em maior destaque, em primeiro plano e em tamanho maior. A loira da esquerda passa maquiagem, rímel em seus cílios, e a morena da esquerda veste um vestido azul. As 4 demais polianas prendem o cabelo, fecham o fecho ecler do vestido, maquiam-se e observam um objeto. Contudo algo há em comum às 6 representações femininas, além de estarem se aprontando para sair, os desenhos mostram a despreocupação com o horário. Nenhum delas passa a impressão de estar atrasada. Estão se arrumando tranquila e serenamente.

A questão da pontualidade é bastante interessante. Primeiramente porque é uma norma de etiqueta deveras conhecida. A pontualidade se põe como um sinal de excelente

civilidade e boas maneiras. É uma norma que impera nos dizeres de civilidade. Atrasar-se não é de bom tom. E, um segundo ponto, os atrasos femininos em virtude do embelezar-se também são bastantes famosos e conhecidos. E isso sim, é de fato frisado nas colunas acima colocadas e citadas.

Trago, em seguida, trechos referentes a horários e a pontualidade Manuais de Civilidade, que circularam concomitantemente às colunas destacadas.

20

A Todo o convidado é obrigatório chegar pontualmente ou no máximo, com quinze minutos de atraso sobre a hora marcada (CARVALHO, 1958, p.35).

NÃO HÁ ELEGÂNCIA EM CHEGAR ATRASADO

Acreditar que é elegante chegar atrasados, consiste mais do que absurdo – é insensatez!

Evidentemente todo mundo se atrasa de vez em quando, mas por razões justas. (...)

Quinze minutos de tolerância é o prazo concedido pela etiqueta aos convidados não pontuais (CASTANHO, 1952, p.70).

PONTUALMENTE...

Se o encontro a entrevista, a reunião para um almoço de negócio, o jantar de cerimônia, foram marcados para determinada hora – seja qual for o compromisso social que tiver assumido – procure chegar pontualmente ao local indicado. Há os que defendem a tese de que um atraso de dez minutos, por exemplo, para uma reunião de cerimônia, é admissível e até mesmo de bom-tom. E, infelizmente, em nossa terra, o hábito de chegar atrasado é uma instituição nacional. São frequentes as críticas que ouvimos no exterior, quanto ao absoluto descaso do brasileiro, no tocante a horários (MIRANDA, 1965, p.41).

Coloco 3 trechos de diferentes manuais de etiqueta que circularam entre as décadas de 1950 e 1960 no Brasil. O primeiro trecho foi retirado do famoso manual escrito por Marcelino de Carvalho, *Guia de boas maneiras*. Arrisco-me a dizer que este talvez seja o livro mais conhecido do gênero de edição naquele período no país. Pelo menos, é um dos mais falados e mais encontrados em sebos, tendo uma edição muito ampla. O texto do livro diz claramente é “obrigatória a chegada no horário” e coloca como ressalva que o atraso permitido é de no máximo 15 minutos.

O segundo trecho é do livro *Etiqueta social*, de Iracema Soares Castanho. Assim como o primeiro, sublinha que o máximo de atraso permitido, pelo bom tom, não deve ultrapassar os 15 minutos da hora marcada. Como título do item, desde o princípio, coloca-se que não existe elegância alguma em atrasos. E segue, na introdução do mesmo, que atraso é insensatez, um absurdo. Abranda a premissa dizendo que, por vez

ou outra, um atraso muito bem justificado, é admissível, ou melhor, tolerado.

O terceiro e último trecho foi retirado do livro *Boas maneiras: e outras maneiras*, de José Tavares de Miranda. Tem um ponto que diverge-se dos dois demais. Nesse livro, o autor coloca que atraso nenhum é de bom tom. Escreve que há pessoas que defendem a tese que chegar com 10 minutos de atraso a uma reunião de cerimônia é de bom tom. Todavia o autor não se inclui como partidário de tal tese. No texto, Miranda ainda insiste no hábito, segundo ela, nacional do atraso em nosso país, colocado por ela como deselegante e de pouca etiqueta. Ponto este contando negativamente para fama de brasileiros no exterior.

21

GAROTAS ENTRE TRAÇOS E LETRAS

A coluna *Garotas* marca os 28 anos centrais de circulação do periódico *O Cruzeiro*. Marca uma revista grandiosa e de vasta publicação e edição. Marca não apenas os *anos dourados* do Brasil, mas os anos de ouro de *O Cruzeiro*. Revista que teve seu início, seu meio e seu fim. Fim que não é fácil para ninguém, como também não foi para aquela revista. Porém, se serve de consolo para os muitos leitores do periódico, ele permanece um sucesso de leituras nos muitos arquivos deste país.

Naquela grandiosa revista, dentre suas mais de 100 páginas, duas eram sempre muito divertidas e coloridas. Faziam rir e relaxar o leitor e a leitora de *O Cruzeiro*. Eram as páginas ocupadas pelas *Garotas* do Alceu. Páginas sempre compostas por divertidas historietas e lindas figuras de jovens mocinhas. Páginas que, além de risadas, traziam o comportamento daquelas que eram consideradas as “novas jovens”. Como escreveu Ziraldo³, as *Garotas* tinham vida própria. Alceu praticamente desaparecia por trás de suas lindas criaturas. Elas ganharam forma pelas pinceladas de Alceu e vida pelos seu leitores e leitoras. Tanto que, muitas meninas da época, consideravam-se uma *Garota* do Alceu. E muito mocinhos, genros de Pena. Alceu de Paula Pena conseguiu encantar e fazer sonhar muitos homens e mulheres daquele período. Suas imagens produziram crenças, eram quase mágica. Encantaram e envolveram por quase 28 anos. E, de

³ ZIRALDO. Texto de apresentação do catálogo da exposição “*As garotas do Alceu*”. Belo Horizonte: Palácio das Artes, julho de 1983. Disponível em:
<http://www2.uol.com.br/modabrasil/biblioteca/grandesnomes/alceu/garotas.htm>

repente, desapareceram. A imprensa da época já não era mais a mesma. As fotografias, cada vez mais coloridas e perfeitas, começaram a ocupar as páginas antes reservadas às ilustrações e às *Garotas* do Alceu.

O Brasil dos anos 50 e 60 do século XX. Em especial, a década de 1950 é, ainda hoje, uma das mais lembradas e retratadas pela imprensa nacional. O pós-guerra brasileiro teve, além de um avanço econômico considerado relevante para o período, uma política nacional muito evidente. A República Nova levou mais uma vez brasileiros - e agora também brasileiras - às urnas. Foi uma época de redemocratização. Época de presidentes da República com grande apelo popular, época de populismo. Época da República Nova, da Bossa-Nova, do Cinema Novo, de Teatro Novo. Época em que os termos “novo” e o “moderno” ganham singular destaque, em especial na publicidade do país. Época em que se deu o amadurecimento da cultura de consumo, segundo Renato Ortiz⁴. Época, segundo o mesmo autor, em que se pode começar a pensar em uma cultura popular de massa. Renovação cultural que marca sobremaneira, a classe média do período. Um período interpenetrado pelo otimismo e pela esperança da sua população, que acreditava viver uma época ímpar da história.

As modernas e ousadas *Garotas* do Alceu traziam preceitos e dizeres de civilidade. Dizeres e preceitos que ora convergiam para os ensinados pelos nada novos Manuais de Civilidade, ora iam de encontro aos mesmos. Como nos exemplos acima dados. Se, em muitas situações, como nas caminhadas, no andar, no falar, no presentear, ao ler, ao escrever cartas, as meninas de Alceu faziam da civilidade sua aliada. Em outras situações as boas maneiras pareciam ser suas rivais. Mas, mesmo nessas situações, as “Polianas” coloridas e divertidas de *O Cruzeiro* não eram anti-heroínas. Não eram sequer consideradas mal educadas.

O texto, leve e muito bem humorado, trazia as historietas da vida de mocinhas daquela época. Mocinhas alegres, divertidas, lindas e ousadas. Seus desvios de comportamento eram, na coluna, motivos de riso. Pois, apesar de desvios condenados nos Manuais de Civilidade, eram desvios muito comuns. Tão comuns que, provavelmente por tal, motivo faziam rir. O leitor e a leitora se encontravam. Qual foi o rapaz ou o pai que nunca esperou uma jovem garota a “terminar” de se arrumar. Qual a

⁴ ORTIZ, Renato. Op.cit, 2006.

mulher que, ao menos uma vez na vida, não se atrasou porque a roupa não lhe caiu bem, ou porque precisava de mais tempo para arrumar seu cabelo.

As mocinhas do Alceu eram donas de uma personalidade forte e de uma postura bastante ousada para a época. Não se encaixavam exatamente nos padrões de comportamento propostos pelas demais colunas e revistas do período. Todavia, defendiam uma ousadia comportada, pois, mesmo sendo consideradas “moderninhas”, encaixavam-se nos padrões de moças de família da época. Sua permissibilidade estava centrada principalmente em 4 fatores. As *Garotas* eram jovens, de classe social elevada, tratava-se de uma coluna de humor e, acima de tudo, as *Garotas* eram personagens. Elas não eram garotas de carne e osso, e sim personagens, *Garotas* de papel.

Para além de normativas de comportamento, estavam diluídas naqueles textos e naquelas imagens normas de civilidade. As normas contidas nos antigos Manuais de Civilidade. Tão antigas e que, não obstante, ainda nos tempos de agora, não foram, por completo, assimiladas. E a coluna *Garotas* as trazia reverberadas em seus traços e em suas letras.

FONTE DAS IMAGENS

Imagem 1 - Manual de Civilidade – *Boas Maneiras* Carmen D’Ávila. Ano 1958. Páginas 142 e 143. Acervo: Próprio.

Imagem 2 – Manual de Civilidade – *A Excelência das Boas Manieras*. Ano 1967. Página 114. Acervo: Próprio.

Imagem 3 – *Garotas participam e agradecem* – Revista *O Cruzeiro* de 28 de dezembro de 1958. Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Imagem 4 – *Garotas e etiqueta* – Revista *O Cruzeiro* de 27 de novembro de 1957. p.70 e 71. Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Imagem 5 – *O passinho das Garotas*. Revista *O Cruzeiro* 27 de janeiro de 1951. Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Imagem 6 – *Mil Regras Ilustradas de Boa Maneiras*. O Modo de Andar. Ano 1961. Página 56. Acervo: Próprio.

Imagem 7 – *A Garota vem já já...* – Revista *O Cruzeiro* 14 de janeiro de 1956. P.70 e 71. Acervo: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONADIO, Maria Claudia. *O Brasil na ponta do lápis: Alceu Penna, modas e figurinos (1939-1945)*. IX Congresso Internacional da Brazilian Studies Association (BRASA). Tulane University – New Orleans, EUA, março de 2008.

CARVALHO, Marcelino de. *Guia de boas maneiras*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1958.

CHARTIER, Roger. *À beira da falsia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre-RS: Editora da UFRGS, 2002.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras Criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

CASTANHO, Iracema Soares. *Etiqueta social*. São Paulo: Editora Universitária Ltda São Paulo, 1952.

COELHO, Andrea e RODRIGUES, Denise dos Santos. *Cadernos da Comunicação Série Memória. O Cruzeiro: a maior e melhor revista da América Latina. Série Estudos*, vol. 5, Rio de Janeiro, 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Ser de cerimônia: Manuais de civilidade e a construção de sujeitos históricos (1920-1960)*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4, 2006, Goiânia.

_____. *Projeto Saberes Impressos. Imagens de Civilidade em textos escolares e não-escolares: composição e circulação (décadas de 50 a 70 do século XX)*.

D'ÁVILA, Carmen. *Boas Maneiras*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1958.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de Corte*. Investigação sobre a sociologia da realeza e a aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. *O processo civilizador.v.1. Uma história dos costumes*. 2ªd.RJ: Jorge Zahar Edit.: 1994.

_____. *O Processo Civilizador. Volume 2: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 205.

GUEREÑA, J. L. *El alfabeto de las buenas maneras*. Los manuales de urbanidad em la

Espanha Contemporânea. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipéres, 2005.

MALERBA, Jurandir. *A corte no exílio: Civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808 – 1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MIRANDA, José Tavares de. *Boas Maneiras: e outras maneiras*. São Paulo: Bestseller Importadora de Livros S.A., 1965.

MORAIS, Fernando. *Chatô: O rei do Brasil, vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NACIF, Maria Cristina Volup. *A aparência vestida: Códigos de comportamento e regras vestimentares nos manuais de etiqueta, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*.

NETTO, Alccioly. *O Império de Papel - Os bastidores de O Cruzeiro*. Porto alegre: Editora Sulina, 1998.

NICKOL, Maria do Carmo. *Mil regras ilustradas de boas maneiras*. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1961.

PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

PENNA, Gabriela Ordones. *Vamos Garotas! Alceu Penna: moda, corpo e emancipação feminina (1938-1957)*. Dissertação de Mestrado em Moda, SENAC, São Paulo, 2007.

PIPER, Rudolf. *Garotas de papel: História da pin up brasileira em 170 ilustrações*. São Paulo: Global editora, 1976.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a Moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

_____. *A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de civilidade – Rio de Janeiro, século XIX*. In: *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: v.8, número 01/02, janeiro/dezembro, 1995.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. IN: ÀRIES e DUBY. *História da Vida Privada. Volume 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROUVILLOIS, Frédéric. *História de la cortesía: de 1789 a nuestros días*. Buenos Aires: Claridad, 2008.

SCMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru-SP: EDUSP, 2007.

SERPA, Leoní. *A máscara da modernidade: A mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)*. Passo Fundo: Editora

Recebido em setembro de 2012
Aceito em novembro de 2012.